

O Canabarro

TUDO PELA LIBERDADE



ANNO XIV

DIRECTOR: PAULINO VARES

NUM. 1080

REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY

Administrador: A. Pereira dos Santos

RIVERA, DOMINGO 21 DE MAIO DE 1899.

O Canabarro

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS
E DOMINGOS

ASSIGNATURAS

PARA O LIVRAMENTO
MEZ 2\$ - SEM. 10\$ - ANNO 18\$
PARA FÓRA
SEMESTRE 12\$ - ANNO 20\$
PARA ESTA REPUBLICA
MEZ 0.50 - SEM. 2.50 - ANNO 5.00
Nº do dia 10 centésimos.

Apodidos, editores, annu-
cios e trabalhos typogra-
phicos, 10 por cento menos
que em outra qualquer par-
te, pagamentos adeanta-
dos, assim como o das as-
signaturas.

EM PERIGO!!

O órgão castilista aqui emi-
grado, com o mais revoltante
desplante, veio em seu numero
de 17 do corrente em longo a-
ranzel de trez columnas e pico,
emprazar-nos para «declinar o
nome de um «36° visinho» ou de
quem quer que seja ao qual a
força do tenente-coronel João
Francisco tenha tirado cavallos
sem nunca restituí-los ou paga-
los, nem o de nacionaes ou estran-
geiros recrutados, nem a inter-
venção della na administração
do commando da guarnição e
fronteiras, nem a perseguição e
assassinatos á torto e direito».

Diz ainda o *incorrupível* or-
gão castilista emigrado em Ri-
vera, órgão que NUNCA E
JAMAIS MENTIU OU CA-
LUMNIOU a pessoa alguma,
que o seu actual *valoroso* forne-
cedor — João Francisco — não
tem instinctos perversos e san-
guinarios e que os nãos, os a-
rassinos, os perversos os bicho-
feios somos nós.

É nosso dever acceitar o de-
saffo que nos lançou o *immacu-
lado* órgão pica-pá aqui emigra-
do, mas, como a população não
deve ter grande interesse em ler
a narrativa de factos que ella sa-
be tão bem como nós, porque
os presenciou, os viu, os conhe-
ce perfeitamente, vamos, em
primeiro lugar, desobrigar-nos
hoje de um dever mais urgente
que é o de transmittir ao povo
e especialmente aos nossos ami-
gos as noticias que nos chegam
de toda a parte, sobre os prepa-
rativos bellicos do *benemerito*,
*honrado, prebendado, zeloso, bem
orientado, brilhante, honesto, su-
blime, unico capaz* e etc. etc. go-
verno do Estado Rio-Granden-
se.

A contestação ao órgão que
*nunca e jamais mentiu e calum-
niou a pessoa alguma*, a dare-
mos em secção especial.

Hoje, assumpto mais de actua-
lidade preoccupando a attenção.
Temos noticias alarmantes e
graves sobre a situação do Rio
Grande e é dever nosso levar-as

ao conhecimento de nossos cor-
religionarios.

Pessoas vindas do interior d'a-
quelle Estado dizem ser certo
que por ordem do Sr. Salvador
Pinheiro Machado se está reu-
nindo gente na região missionei-
ra, estando já organizado um cor-
po e outros em organização.

— Dizem-nos tambem que um
alferes do exército que comman-
da um destacamento no Cacequy,
declarara ter sido fallado por en-
viados castilhistas para auxiliar
com o seu destacamento um pro-
ximo movimento armado de reac-
ção contra uma revolução que está
imminente no paiz — dizem os a-
gentes e adeptos do governo do
Estado.

O tal alferes, que não sabemos
quem é nem o que respondera
nos enviados que o foram fallar,
dias depois, em conversa e sem
reservas contava o que se havia
dado entre elle e os taes emissar-
ios e declarava estar indeciso —
não sabendo o que fazer: — se
acompanhar os seus correligiona-
rios ou á classe a que pertence.

— Ao Cacequy chegaram e
dali sahiram com direcção aos
municípios da fronteira trez car-
reiras carregadas com armamento
e munições de guerra, sendo cer-
to que para outros pontos do
Estado se tem feito iguaes re-
messas.

— E' tambem publico que
João Francisco mandou citar a
todos aquelles que nesta fron-
teira, durante a revolução ser-
viram com o castilhismo, para
que por todo o corrente mez es-
tejam no acampamento do Caty,
e está procedendo a novos re-
crutamentos pela costa do Qua-
rany e pelo Ibirapuitá — 3º e 4º
districtos do Livramento, o que
está ocasionando uma grande
emigração para esta Republica.

— Sabemos tambem que faze-
deiros adeptos á situação casti-
lhista, residentes no municipio
do Rosario, andam offerecendo em
venda seus gados e em arrenda-
mento seus campos.

— E' publico ainda ter vindo á
fazenda do Sr. Ataliba Gomes —
no dia 6 ou 7 do corrente — um
emissario castilhista que pas-
sando pelo acampamento do Caty
foi acompanhado por João
Francisco que resolvera reconcil-
liar-se com o Sr. Ataliba, de quem
ha tempos achava-se distanciado.

Na fazenda do Sr. Gomes —
no Sarandy — realizou-se a recon-
ciliação e a entrevista que ver-
sou sobre as probabilidades de
uma proxima revolução e a ne-
cessidade da união de todos os
bons republicanos para evitar a
quedá do seu partido que está
ameaçado de perder para sempre
as posições officiaes.

Foi este, garantem-nos, o the-
ma da entrevista realizada ha
pouco no Sarandy.

— Por outras fontes de informa-
ções sabe-se que influencias cas-
tilhistas do Livramento, dizem
publicamente q' não é para coa-
djuvar a repressão do contraban-

do que João Francisco estendeu
sobre a linha divisoria grande
parte senão a totalidade de suas
forças e sim para e cuidarem-se
contra uma revolução que bre-
vemente deve rebentar no Rio de
Janeiro e que será secundada no
Rio Grande pelo exército e pelo
partido federalista.

Todas estas alarmantes noti-
cias são de origem castilhista, e
ellas, juntas á attitudo ameaçado-
ra ultimamente assumida pela
Federação e mais órgãos do cas-
tilhismo, dão sobrada razão para
pensarmos que não tem sido des-
pachadas de fundamento as palavras
de prevenção que destas colum-
nas hemos endereçado aos nos-
sos correligionarios habitantes no
interior do Estado, e nos autho-
rizam a que ainda hoje lhes di-
gamos que o sanguinario inimigo
está planjando nova manobra, na
qual as victimas serão como
sempre, os federalistas.

Algo grave, gravissimo está
por succeder no infeliz Rio Gran-
de e os nossos amigos devem es-
tar prevenidos para não se de-
ixarem colher nas traiçoeiras ar-
madilhas que o castilhismo per-
verso esta preparando.

O *Canabarro* cumpre o seu de-
ver levando a voz de ALERTA
aos seus correligionarios.

ALERTA

XXXI

O Sr. Julio de Castilhos, que
de suas crenças fazia meio de
vida na propaganda como redac-
tor assalariado da *Federação*,
enquanto os outros não se leva-
vam para ella o trabalho mental
como o conforto material, muitos
por isso empobrecendo, ou res-
tringindo as despesas necessa-
rias, ao se dizer que *isto* já era re-
publica apresentou-se como seu
dono; como herdeiro ausente que
chegasse á fazenda de seus ante-
passados.

Não foi feliz como esperava;
não se pôde impôr, mandar, dis-
tribuir por queira quizesse, guar-
dar para si o que quizesse, como
faz o estancieiro em sua estancia;
ao contrario, foi bem somente a
sua figura nos primeiros tempos,
o que teria posto em risco a re-
publica se elle tivesse elementos
para destruil-la.

Demetrio Ribeiro foi minis-
tro; Assis Brazil era acatado na
dictadura, dali o seu rancor a
ambos que depois se viu explo-
dir com a intensidade do jacto
de um geysser de lama.

Mesmo em cousas comessinhas
não teve influencia bastante para
fazer triumphar uma causa que
advogasse, como aquella de Fa-
nor Compilido; como os tempos
mudam! elle pôde depois trans-
formar o Rio Grande em pro-
priedade sua e dividir seu povo
em gado de crear e gado para
matar.

Sua figura começou a projectar

a sombra sinistra sobre a repu-
blica no momento em que explo-
rando a impetuosidade das cren-
ças dos rapazes da escola militar
reconheceu fraqueza ou desani-
mo em Deodoro que, sem duvida,
já previa os horrores que amea-
çavam a patria que elle pensou
salvar em um momento de sug-
gestão; esta mesma mocidade
da escola foi depois tão persegui-
da pelo Sr. Castilhos que muitos
daquelles que o elevaram preferi-
ram abandonar a carreira a
seguirem a humilhação; e essa
mesma mocidade que foi a pro-
genitora da grandeza do Sr. Cas-
tilhos soffre hoje insultos até dos
seus soldados municipaes, e os
que protestam contra esse insulto
são punidos; faltava ao Sr.
Castilhos ser parricida, e o foi
nesse acto com a escola militar.

Desde então, tornou-se o Sr.
Castilhos o morgadinho da repu-
blica, com obediência de todos os
seus caprichos, como as crenças
muleradas, filhas de paes ricos
que não admittem que se lhes
contrarie as vontades; mas, infel-
izmente, nem tudo elle teve des-
sas crenças que ordinariamente
são generosas; elle teve o espirito
destruidor e não das crenças
mas e epilepticas, que espancam
os creados, insultam os paes, fal-
lam em morte e incendio se lhe
contrariam, enforcam os cães,
cuspam os gatos, penduram-se, pe-
los dentes, nas orelhas dos caval-
los que não se querem deixar
enfrenar e só deixam quando tra-
zem na booca o pedaço em que
seguravam, e se os peões fallam
arremessam-se contra elles; e se
recebem o troco vão se queixar
para fazel-os punir; isto é, tudo
que fazia uma crença de má in-
dole como ainda hoje conta, á
beira do fogão, o velho Felicissi-
mo Dornelles que foi peão de
uma estancia onde havia uma
crença assim; o Sr. Castilhos
quize fazer no Brazil e tem feito.

Trata a todos os seus como
servos, e aos adversarios como
criminosos.

Insultou impunemente ao ma-
rchal Floriano; dirigiu-lhe o
maior insulto que se pode dirigir
a um soldado — chamou-o de
traidor á sua patria; insultou ao
general Galvão; ao general Can-
tuaria, e a outros officiaes, que
seria longo enumerar.

Tudo sahio-lhe bem; tudo lhe
foi util.

Agora chegou a vez do Sr. ge-
neral Carlos Telles, a quem deve
o não triumpho material da re-
volução.

Não sahio-se bem; o Sr. Car-
los Telles sentiu o golpe da in-
gratidão e o reagiu.

Ameaçando ao Sr. Campos
Salles, que só pode contar com a
boa vontade ingleza se não tiver
alteração da paz, obrigou-o a
esse triste papel de remover, de-
mittir, processar, prender o Sr.
Carlos Telles, mas teve de recuar
diante da justiça, como havemos
de ver; o Sr. Castilhos enfure-
ceu-se de novo, e emquanto passa
telegrammas anodinos ao Sr.

Campos Salles, fax o seu exorci-
to offerecer espadas de honra ao
Sr. Pinheiro Machado, gravando
o nome de logares onde foram
degolados alguns maragatos que
se achavam dispersos, ou retar-
datarios separados de seus com-
panheiros por um rio caudaloso;
ou donde fugiu do combate que
so lhe offerecia, até deixando
pelo caminho seus feridos.

Dr. Angelo Dourado.

POLITICA RIO-GRAN- DENSE

VI

O horror ao parlamentarismo
tornou-se moda entre nós; teme-
se a discussão, foge-se della, evi-
ta-se-a como um mal.

No entanto a discussão tem
virtudes innegaveis; ella só é
improficua e esteril quando o
assumpto é destituido de eleva-
ção ou quando os argumentado-
res não tem competencia.

Sujeite-se um assumpto á con-
troversia numa assembléa de in-
doutos e a discussão rodará num
circulo vicioso, as idéas, as pa-
lavras, os argumentos, não apre-
sentarão novidade, serão repeti-
dos, mascados, triturados, mas
não se distanciarão do ponto de
partida.

A mesma thesa apreciada numa
reunião de homens de prova-
da idoneidade mental, tomará u-
na feição inteiramente differen-
te e pôde conduzir a descoberta
duma solução inesperada, nova,
por uma successão logica de
idéas que esgote a questão.

Eis o que fez dizer a Bagehot:
«A discussão traz ao progresso
estimulantes particulares. Ella
dá valor á intelligencia. Para es-
tabelecer os argumentos que de-
vem determinar uma acção poli-
tica, para os estabelecer com for-
ça capaz de a determinar effecti-
vamente, é preciso um grande
despendio de intelligencia.»

Com o parlamentarismo suc-
cede outro tanto, o seu descredi-
to não é tanto da instituição,
como da sua composição. Os
defeitos de que o accusam não
são proprios, sinão derivados
do falseamento das urnas, da má
escolha dos representantes e da
corrupção eleitoral, — e neste ca-
so tanto pôde affectar o poder
legislativo como o executivo.

Si foramos julgar o novo re-
gimen sob este ponto de vista
não sabemos qual seja mais dig-
no de censuras, si os congressos
e conselhos ou si os representa-
ntes do poder executivo que des-
de as intendencias municipaes
até as presidencias dos estados e
da republica, com rariissimas
excepções, se tem revelado duma
inferioridade, abuso e incapaci-
dade desoladoras.

«Não é impunemente que as-
sim se frauda e vicia um systema
politico,» diz o Dr. Cartier; e nós
accrescitaremos: e que se in-
verte e deforma o caracter, es-

costumes, as tradições e a edu-
cação de um povo.

E a prova está na forma por
que tem sido administrada a fa-
zenda publica, nas incoherencias
de toda a especie que pullulam
nos actos dos governos, nas ve-
xações que exercem sobre o po-
vo, nos seus desmandos e exor-
bitancia de attribuições e na ma-
nifesta tolerancia com toda a sor-
te de arbitrariedades.

Desde a proclamação da Re-
publica pôde dizer-se que temos
vivido no regimem do imprevisto,
e é isto que tem promovido o
descredito no exterior e o des-
contentamento, o atraso e a des-
confiança no paiz.

Demais chame-se a assembléa,
congresso ou organentaria, des-
de que não se redusa o seu papel
a condição meramente passiva,
inutil, destinada unicamente a
sanccionar todos os actos do ex-
ecutivo, ha de ter caracter deli-
berante, ha de haver discussão,
e por tanto assumirá feição mais
ou menos parlamentar, e neste
caso a sua elevação moral depen-
derá da «extensão» das attribui-
ções que se lhe conferir.

S. Sighele, joven philosopho
italiano, adversário declarado do
parlamentarismo, que considera
o resultado duma suggestão me-
merica operada sobre o espirito
da turba pelo jornal e pelo *me-
eting*, attribue entretanto á in-
fluencia do meio grande culpa no
descredito das assembléas deli-
berantes.

«Si o meio ambiente é impuro,
a corrupção apossa-se dos elei-
tos — cedo ou tarde.

«Que fazer para cercar o
mal?

«Voltar ao despotismo dum
só? Não é muito praticavel.
Dous palliativos podem ser uti-
lizados: — exigir-se de todo o
candidato titulos serios de intel-
ligencia, de saber e de integrida-
de; reduzir-se o parlamento a
um grupo de cem pessoas no
maximo e prohibir a discussão
dos negocios provinciaes e lo-
caes.»

Eis como conclue o illustre
philosopho, observemos, entre-
tanto, que pela palavra parla-
mentarismo não se distingue a
especie de assembléas.

Mas o que fica evidente é que
em qualquer caso são ellas prefe-
riveis ao dominio omnipotente
dum dictador, o que é inteira-
mente contrario ao que entre
nós se pretende.

Tal é a opinião que acima ex-
temamos.

Si, pois, os nossos congressos
desperdiçam o tempo inutilmente
e porque as discussões se exer-
cem em assumptos sem impor-
tancia, e porque se leva para o
congresso a discussão de inte-
resses de campanarios, é porque
a sua composição é defeitosa, e
que é evidente desde que do pri-
meiro se excluiu o homem que
mais trabalhou pela republica —
Silva Jardim.

(Do Echo do Sul)

